

A enunciação da subjetividade: dêixis e interação

Vera Lúcia Pires¹, Gabriela Barboza²

¹PPGLetras - CAL – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

²Centro de Artes e Letras – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

vera.pires@terra.com.br, gabiikbca@gmail.com

Resumo. *Este trabalho pretende abordar a importância da categoria dêixis nos estudos enunciativos, partindo das elaborações feitas por É. Benveniste bem como dos estudos de R. Jakobson. A partir desse aporte teórico, cogita-se investigar sua aplicação nas linguagens do cotidiano.*

Resumen. *El presente trabajo pretende abordar la importancia de la categoría dêixis en los estudios enunciativos, desde los estudios desarrollados por los estudiosos É. Benveniste y R. Jakobson. A partir de esta contribución teórica, se intenta investigar su aplicación en los lenguajes de la vida cotidiana.*

Palavras-chave: enunciação; dêixis; discursos do cotidiano.

1. Introdução

O objetivo do presente artigo é teorizar sobre a importância da categoria *dêixis* nos estudos enunciativos, elaborados por É. Benveniste em alguns de seus textos fundamentais, bem como nos estudos de R. Jakobson, e, em seguida, investigar sua aplicação nas linguagens do cotidiano.

À noção de dêixis remetem certos signos que se definem como marcas que mostram o sujeito no ato de produção do enunciado. Ducrot e Todorov (1982: 379) referem a equivalência da dêixis à enunciação, por parte da maioria dos lingüistas, ao atribuírem a denominação aos elementos da língua que variam conforme a situação de discurso em que são empregados. Assim, ao conceituarem enunciação, os autores priorizam os elementos que pertencem ao código da língua, mas cujo sentido, no entanto, depende de fatores que variam de uma enunciação para outra. Os exemplos são: eu, tu, aqui, agora, etc. Eles reconhecem em Jespersen, Jakobson e, principalmente, Benveniste os lingüistas que maiores contribuições trouxeram ao estudo do tema nos primeiros momentos de pesquisa.

Jespersen, citado por Jakobson em texto de 1957¹, conceitua os dêíticos como shifters (termo originado do verbo inglês “shift” que significa mudar, trocar). Este termo foi traduzido para o francês por *embrayeurs*, terminologia usada por Jakobson,

¹ As datas dos textos de Jakobson e de Benveniste são as das publicações originais.

indicando precisamente aquela classe de palavras que varia conforme a situação em que elas são empregadas.

Benveniste, em seus textos sobre a questão, segue a terminologia de Jakobson, empregando *embrayeurs*, e denomina os dêiticos por indicadores da subjetividade ou índices da enunciação ou do discurso.

Em situação comunicacional ou dialógica, a dêixis é aquele signo que representa ou aponta ou, ainda, indica aquele que fala. Conforme Lahud (1979: 97), um novo palco onde a noção de dêixis desempenha um papel relevante – senão o principal – é constituído pela assim chamada “lingüística da enunciação”. Ou seja, a dêixis é uma figura de enunciação, uma vez que, quando a linguagem é escrita ou falada ou ainda pensada, ocorre em um lugar preciso, em um tempo determinado e com pessoas específicas.

Este trabalho integra uma pesquisa, ainda inicial, sobre a importância dos dêiticos como marcadores da subjetividade na linguagem. Faz parte de um projeto maior ligado ao grupo “Estudos de gênero nos discursos do cotidiano”, vinculado à linha de pesquisa “Linguagem no contexto social” do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (PPGL/UFSM).

2. A dêixis enquanto categoria enunciativa

Nas teorias enunciativas há uma relevância destacada da prática social na relação inter-humana, comum ao exercício da língua e que desemboca diretamente nas questões enunciativas da significação. Todo o problema da significação (em sentido geral) aparece de duas maneiras: ligado à língua e ligado à atividade languageira – ou à enunciação. À língua, enquanto elemento formal, pertencente à sintaxe; e à instância da enunciação, enquanto elemento pragmático, ligado às manifestações de sentido.

Assim, a noção de dêixis é de suma importância para os estudos enunciativos, uma vez que a categoria contém elementos da língua, na sua modalidade oral ou escrita, que são, muito mais que outros signos, próprios do ato de dizer, no entendimento de que a sua existência e os seus sentidos são promovidos a partir de uma referência interna, ou seja, a referência ao contexto discursivo em que se apresentam. Dessa forma, são dêiticos, entre outros, os pronomes pessoais, os demonstrativos, os advérbios de tempo e de lugar, os verbos. Além disso, os dêiticos só existem porque um indivíduo no mundo assume-os e o faz pela necessidade que tem de comunicar-se com outros membros de sua comunidade social. Ao tomar essas formas da língua, o sujeito dá-lhes vida, conquistando, simultaneamente, a possibilidade de interação com o outro e a sua realização enquanto sujeito desse mundo.

Um dos primeiros lingüistas a pensar sobre essas questões, que envolvem a enunciação, foi Roman Jakobson. Sua teoria das funções da linguagem no ato de comunicação e seu trabalho sobre os shifters são algumas das primeiras sistematizações que se tem em Lingüística sobre o lugar do sujeito na linguagem.

No texto *Os articuladores, as categorias verbais e o verbo russo* de 1957, o autor estuda a categoria de pessoa. Não é um estudo específico sobre os pronomes, mas nos dá a exata dimensão da importância da categoria de pessoa para uma abordagem

enunciativa dos elementos lingüísticos. A partir desse texto, entendemos sua contribuição ao estudo pronominal desenvolvido por Benveniste posteriormente.

No referido estudo, Jakobson (1957) propunha que a mensagem e o código podem servir como suportes para a comunicação, funcionando de maneira “desdobrada”, ou seja, como objetos de referência ou como objetos de utilização. Pode configurar-se, segundo o autor, de quatro formas: a mensagem pode remeter ao código (M/C) é o caso da sinonímia e da tradução; a mensagem remete a outra mensagem (M/M), caso do discurso citado; o código pode enviar ao código (C/C), como nos nomes próprios e, por último, o código pode remeter à mensagem (C/M), é o caso dos articuladores (e também dos pronomes). Dessa constatação, nascem as estruturas duplas, que são polissêmicas. O que interessa para entender a questão dos pronomes é o que Jakobson denomina “encobrimento parcial” em que o código possui uma classe de unidades gramaticais - os “articuladores” – que só adquirem sentido se estiverem inseridos em um contexto, referidos à mensagem.

Fazendo referências às noções peircianas de signo, Jakobson (ibid.) entende que os articuladores (shifters) combinam as funções de símbolo e de índice porque podem ser associados a algum elemento no código lingüístico e apontar para outra coisa na mensagem. O pronome pessoal “eu” é citado como um evidente exemplo disso. O “eu” designa quem o enuncia (na mensagem) e também pode apontar, de acordo com um tratado convencional, para outras formas, em outros códigos, como “yo”, “ich”, “I”. Funcionando assim, o autor afirma que “eu” é um símbolo, ou seja, ele representa, simboliza e conceitua a primeira pessoa. Mas, além disso, o signo “eu” não pode representar o seu sujeito se não estiver em uma relação existencial com ele: a palavra “eu”, que designa o enunciador, está relacionada a sua enunciação funcionando, portanto, como um índice, ou seja, é um sinal que mostra, indica quem enuncia.

Resumindo, podemos pensar que, na mensagem, os pronomes (como *eu*) funcionam como índice, por meio de um processo metonímico, e, no código, como símbolo, através de um processo metafórico. É por tal processo que, no código (*langue*), os pronomes podem funcionar como símbolos. Ou seja, podem ser associados à outra forma em outros códigos e também porque o nome (locutor) pode ser designado pelo nome de um objeto semelhante (o pronome). (Por outro lado), os pronomes podem funcionar como índices pelo processo metonímico, na mensagem (*parole*). Isso quer dizer que um objeto (nome) é designado pelo nome de um objeto semelhante que está associado na experiência, no uso. (PIRES, V. L.; WERNER, K. G., 2007: 152).

Assim, aspectos de uma nova postura de análise lingüística, ainda de vertente estruturalista, surgem nos trabalhos de Jakobson – ligados à enunciação. A partir de suas considerações, os pronomes pessoais, assim como os dêiticos, revelam-se como estruturas complexas, que funcionam de forma polissêmica, isto é, têm duplo sentido ou dupla função. Eles são símbolos-índices, em que código e mensagem se entrelaçam. Tais fatores, presentes nas reflexões do autor sobre a personalidade, os articuladores e os pronomes, refletirão nos estudos desenvolvidos por Benveniste (1956) sobre a natureza dos pronomes.

Em seus textos, *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946) e *A natureza dos pronomes* (1956), primeiramente, mas também em *Da subjetividade na linguagem*

(1958) e *A linguagem e a experiência humana* (1965) entre outros, Benveniste, faz um estudo enunciativo dos pronomes, comprovando de que forma essa categoria é a primeira a instaurar e representar a subjetividade na linguagem.

Os termos da dêixis, enquanto indicadores de subjetividade, estão completamente ligados ao processo da enunciação. No artigo de 1946, *Estrutura das relações de pessoa no verbo*, o autor começa a teorizar sobre a questão, repensando o problema dos pronomes enquanto relação de oposições, como uma heterogeneidade entre o par eu/tu e o pronome ele. A estrutura das relações de pessoa apresenta-se como *correlação de personalidade*, opondo eu-tu, enquanto pessoa, ao pronome “ele”, que não apresenta o traço de pessoalidade, uma vez que pode referir a um objeto qualquer.

Ao mesmo tempo, estabelece-se outra relação – a *correlação de subjetividade* – que opõe os pronomes “eu” a “tu” entre si, ou seja, o eu instaura um tu na realidade do diálogo. Esse tu, exterior, somente pode ser pensado a partir do próprio eu. Essa correlação de subjetividade traz para a Linguística os novos elementos de uma semântica da enunciação. Benveniste postula subjetividade e realidade ao mesmo tempo, e o elo de ligação é a dêixis.

Em *A natureza dos pronomes* (1956), Benveniste atenta, primeiramente, ao fato de que essa classe de palavras não deve ser mais considerada, como habitualmente, uma *classe unitária* ao se referir à forma e à função. Ele pergunta à qual realidade eu e tu se referem. Sua resposta é categórica: *unicamente uma realidade de discurso, que é coisa muito singular*. (BENVENISTE, 1956: 278). Uma dupla instância de “eu” é instaurada aqui: como referente e como referido, na instância de discurso.

Por esse prisma teórico as proposições de Benveniste aproximam-se das de Jakobson: ambos diferenciam o aspecto formal dos pronomes, pertencente à sintaxe da língua, do aspecto funcional, considerado característico da instância do discurso, ou seja, da enunciação. Dito de outra maneira, os pronomes se configuram em uma classe da língua que opera tanto no formal, sintático, quanto no funcional, pragmático. Sendo assim, os pronomes devem ser entendidos também como fatos de linguagem, pertencentes à mensagem (fala), às categorias do discurso e não apenas como pertencentes às categorias da língua (código), conforme considerou Saussure.

O par eu/tu une-se aos indicadores para vincular-se ao discurso. Conforme Benveniste:

Poremos em evidência a sua relação com *eu* definindo-os: *aqui* e *agora* delimitam a instância espacial e temporal coextensiva e contemporânea da presente instância de discurso que contém *eu*. Essa série não se limita a *aqui* e *agora*: é acrescida de grande número de termos simples ou complexos que procedem da mesma relação: *hoje*, *ontem*, *amanhã*, *em três dias*, etc. (BENVENISTE, 1988: 279).

Eis aí a vinculação da dêixis ao sujeito que assume a língua ao falar, ou como quis Benveniste, um indicador da subjetividade no discurso, em que as formas pronominais remetem à enunciação.

3. A linguagem como prática de interação social

Na parte de aplicação do referencial teórico desta pesquisa, temos interesse em investigar e discutir, seguindo o caminho aberto por Benveniste, questões relacionadas à subjetividade na linguagem e, indo além, tentar provar o que muitos não têm conseguido ver, ou seja, que o lugar do social está visivelmente marcado na enunciação e no enunciado, via intersubjetividade.

Ao considerar a linguagem como uma prática social que tem na língua a sua realidade material, Benveniste reformula as dicotomias saussurianas e promove uma superação ao abrir a análise da linguagem para a enunciação, resgatando, com esse fato, o sujeito anteriormente excluído da lingüística.

Para Benveniste (1974), “depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, chega ao ouvinte e suscita outra enunciação como resposta”. (p. 83). É a estrutura do diálogo que Benveniste sustenta, quando ressalta: “o que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação da relação discursiva com o parceiro* (...) Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação.” (BENVENISTE, *ibid.*:87).

Em um de seus textos mais célebres, *Da subjetividade na linguagem* (1958), ele pregara a propriedade fundamental da linguagem de constituir o homem como sujeito. Entretanto, apesar da hierarquia do eu, fator pelo qual tem sido ainda tão criticado, ele disse que “a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém que será na minha alocação um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade” (Benveniste, 1966:286).

Decisivamente, Benveniste refere-se à enunciação como um processo intersubjetivo e dialógico. Assim, em um movimento dialético de superação, ele afirmou:

Caem assim as velhas antinomias do “eu” e do “outro”, do indivíduo e da sociedade. Dualidade que é ilegítimo e errôneo reduzir a um só termo original, quer esse termo único seja o *eu*, que deveria estar instalado na sua própria consciência para abrir-se então à do “próximo”, ou seja, ao contrário, a sociedade, que preexistiria como totalidade ao indivíduo (...) É numa realidade dialética que englobe os dois termos e os defina pela relação mútua que se descobre o fundamento lingüístico da subjetividade. (Benveniste, *ibid.*: 287).

Foi pensando no homem na língua que vimos aparecer, em Benveniste, um sujeito subjetivado na e pela linguagem, deixando suas marcas no que nos é mais cotidiano, ou seja, no diálogo.

A relação discursiva com o parceiro caracteriza a enunciação. Portanto, é a estrutura do diálogo que sustenta a prática social da relação inter-humana, comum ao exercício da linguagem.

4. Considerações finais

Ao compararmos os textos de Jakobson e Benveniste, destacamos a ampliação e o detalhamento da problemática da dêixis nos estudos deste. Se em Jakobson (1957)

existia uma referência ao pronome pessoal, fato que abriu a investigação para a categoria de pessoa, em Benveniste (1946, 1956) apareceram os três grupos de elementos dêiticos, a saber, as formas pronominais, as verbais e as temporais, que formaram as categorias de pessoa, de espaço e de tempo, respectivamente.

Segundo Roland Barthes (1988), “Benveniste amplia consideravelmente a noção de shifter, lançada com brilho por Jakobson; ele funda uma lingüística nova, que não existe em nenhum outro autor (e muito menos em Chomsky): a lingüística da interlocução; a linguagem, e, portanto, o mundo inteiro, articula-se sobre essa forma eu-tu.” (BARTHES, 1988: 182).

A noção de dêixis é importante por expressar o sujeito na linguagem. Acreditamos que a dêixis, por ter sua origem no gestual, ou seja, na capacidade humana de dizer mostrando, indicando; e que por ser esse ato indicativo e realizado por um eu na tentativa de relacionar-se com o mundo, em um momento inédito e irrepetível, em um contexto também particular; deve ser tratada, na presente investigação, como uma categoria de linguagem, de enunciação e, conseqüentemente, uma reveladora das subjetividades envolvidas.

Dessa forma, esperamos comprovar o que Benveniste (1974) definiu como a dupla natureza da linguagem: *ser imanente ao indivíduo e transcendente à sociedade*. Imanente enquanto língua, transcendente enquanto exercício de linguagem, ato de enunciação. Sem esquecermos de que foi falando de sujeito e subjetividade que Émile Benveniste foi considerado *a exceção francesa*².

Seguindo o caminho trilhado por Benveniste e aceitando sua afirmação posterior, em artigo de 1970³, de que a subjetividade está em toda a língua e não somente nas categorias dêiticas, serão observados nesta pesquisa, além dos indicadores de pessoa, tempo e espaço, a seleção lexical feita para a referência da interação social.

Esperamos, assim, confirmar a relevância destacada, nas teorias enunciativas, da prática social na relação inter-humana comum ao exercício da língua e que desemboca diretamente nas questões enunciativas da significação.

5. Referências bibliográficas

BARTHES, R. *O rumor da língua*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BENVENISTE, E. (1966) *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1988.

_____ (1974) *Problemas de lingüística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

DUCROT, O; TODOROV, T. *Dicionário das ciências da linguagem*. 6. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.

² Ver Dosse, F. *História do estruturalismo: o canto do cisne, de 1967 a nossos dias*. V.2. Campinas, SP.: Ensaio, 1994.

³ *O aparelho formal da enunciação*.

JAKOBSON, R. *Os articuladores, as categorias verbais e o verbo russo*. 1957. (Versão mimeografada).

LAHUD, M. *A propósito da noção de dêixis*. São Paulo: Ática, 1979.

PIRES, V. L.; WERNER, K. C. G. A dêixis na teoria da enunciação de Benveniste. In: *Revista Letras: Émile Benveniste: Interfaces Enunciação & Discurso*. Nº 33, jul/dez 2006. Santa Maria: PPGL Editores, 2007.